

Brasil: país de trânsito dos imigrantes haitianos

Dominique Antoine¹
Jean Baptiste Marc Donald²
Wagner Roberto do Amaral³

Resumo: Este trabalho tem como objetivo identificar e analisar os motivos da saída dos imigrantes haitianos no Brasil para os Estados Unidos ou Canadá. Trata-se de um artigo qualitativo, construído por meio de três procedimentos metodológicos: revisão bibliográfica, análise documental e pesquisa de campo. A pesquisa possibilitou entender que os motivos da saída dos haitianos do Brasil estão ligados às suas condições socioeconômicas precárias, que impactam a capacidade de transferir dinheiro para o Haiti, sendo esta uma garantia de manter sua condição de transmigrante, bem como aspectos culturais do sentido de diáspora no Haiti.

Palavras-chave: Migração. Diáspora. País de passagem. Saída dos haitianos.

Brazil: country of transit for Haitian immigrants

Abstract: This work aims to identify and analyze the reasons for the departure of Haitian immigrants in Brazil to the United States or Canada. This is a qualitative article, constructed through three methodological procedures: bibliographic review, document analysis and field research. The research made it possible to understand that the reasons for the departure of Haitians in Brazil are linked to their precarious socioeconomic conditions that impact on their financial capacity to transfer money to Haiti, being a guarantee of maintaining their status as a transmigrant, as well as cultural aspects of the sense of diaspora in Haiti.

Keywords: Migration. Diaspora. Passing country. Departure of the Haitians.

¹ Doutorando em Serviço Social e Política Social pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: antoine.dominique1982@gmail.com

² Doutor em Serviço Social e Política Social pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: marcdonaldjbaptiste@gmail.com

³ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e docente da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: wramaral@uel.br

Brasil: país de trânsito de inmigrantes haitianos

Resumo: Este trabalho tiene como objetivo identificar y analizar las razones de la salida de inmigrantes haitianos en Brasil para ir a los Estados Unidos o Canadá. Se trata de un artículo cualitativo, construido a través de tres procedimientos metodológicos: revisión bibliográfica, análisis de documentos e investigación de campo. La investigación permitió comprender que los motivos de la salida de los haitianos en Brasil están vinculados a sus precarias condiciones socioeconómicas, que impactan en su capacidad financiera para transferir dinero a Haití, siendo esto una garantía de mantener su condición de transmigrante, así como aspectos culturales del sentido de diáspora en Haití.

Palabras claves: Migración. Diáspora. País de tránsito. Salida de los haitianos.

Introdução

O presente artigo estabelece um debate acerca dos motivos pelos quais imigrantes haitianos saem do Brasil para os Estados Unidos ou o Canadá. Trata-se de um excerto da discussão realizada, com os imigrantes haitianos residentes no município de Cambé (PR), entre 2016 e 2022, no curso de mestrado e doutorado em Serviço Social e Política Social da Universidade Estadual de Londrina.

De acordo com um estudo realizado pelo diretor da Instituição de Migração e Direitos Humanos, Milesi (2016), durante o período de 2012 a 2016, 73.077 imigrantes haitianos foram registrados na Polícia Federal do Brasil. Esse estudo mostra que o número de imigrantes haitianos registrados na Polícia Federal aumenta a cada ano. Assim, em 2012, havia 427 imigrantes haitianos registrados; em 2013, subiu para 5.084; em 2014, 10.677. Este número aumentou, em 2015, para 14.492 e atingiu 42.025 imigrantes registrados em 2016. No entanto, Handerson (2015) e Jean Baptiste (2018) mostram que, desde 2014, os imigrantes haitianos consideram o Brasil como uma terra transitória, tendo como destino final os Estados Unidos e o Canadá.

Para viver o sonho de ser migrante nos Estados Unidos ou no Canadá, os haitianos, muitas vezes correndo risco de vida,

cruzaram de ônibus e a pé a América do Sul, passando pela América Central para então chegar à fronteira entre México e Estados Unidos. De acordo com Daudier (2021), para chegar ao Panamá, os migrantes enfrentam a floresta tropical de Darien, entre este país e a Colômbia. Escalam montanhas por vários dias e enfrentam criminosos sexuais, ladrões armados e animais selvagens. Mas, se é uma viagem tão perigosa, quais são os motivos da saída dos migrantes haitianos do Brasil para os Estados Unidos ou o Canadá?

Para responder à pergunta acima, foi realizado um estudo de natureza qualitativa formado por três procedimentos metodológicos: revisão bibliográfica, levantamento documental e pesquisa de campo. A revisão bibliográfica considerou pesquisas relacionadas às temáticas da migração e diáspora por meio de artigos, teses, dissertações, relatórios de pesquisa, livros e periódicos, uma vez que a consideração de estudos já realizados nesses termos é importante para orientar a reflexão deste trabalho. No levantamento documental, foram levados em conta os documentos oficiais e as legislações brasileira e haitiana em relação ao conceito da migração. A pesquisa de campo foi realizada em dois bairros da periferia do município de Cambé (PR), escolhidos por concentrarem a população imigrante haitiana na região. Foram utilizadas duas técnicas: a observação participante e entrevistas com roteiro semiestruturado.

Este é um texto organizado em duas partes. Primeiramente, analisam-se as causas da mobilidade haitiana para o Brasil, particularizando a história desse fenômeno a partir do Haiti. Na segunda parte, são destacados os motivos de deslocamento dos imigrantes haitianos, já situados no contexto brasileiro, para outros países.

Contextualização histórica da mobilidade haitiana para o Brasil

A migração não é um fenômeno recente na história da sociedade haitiana. A mobilidade nacional e internacional faz parte do cotidiano e da cultura deste povo (HURBON, 1987). De acordo com Audebert (2012), o número de pessoas que vivem fora do país é estimado em dois milhões, o equivalente a 20% da população total.

O fenômeno migratório no contexto do Haiti pode ser dividido em três períodos. O primeiro grande fluxo migratório haitiano ocorre no contexto da invasão estadunidense, em 1915. O segundo período se inicia a partir da ascensão ao poder do ditador Duvalier (1957-1986), que reduziu os espaços de liberdade econômica, política e cultural da maioria do povo. O terceiro momento teve início no final da década de 1980, marcado pela transição política após 1986 e também pela vasta destruição do setor produtivo e da economia nacional, o que conduziu o país ao *status* de consumidor quase que exclusivo do mercado internacional, atendendo aos interesses do capital (ANTOINE, 2020).

Os debates a respeito das causas desta dinâmica migratória são diversos. Algumas hipóteses levantadas destacam razões ligadas ao fechamento, cada vez mais incisivo, das fronteiras da Guiana Francesa, das Bahamas, dos EUA e do Canadá, destinos considerados privilegiados pelos haitianos por serem lugares onde eles esperam encontrar mais oportunidades de trabalho (HANDERSON, 2015). Por outro lado, destacam-se aspectos como o crescimento do mercado econômico brasileiro, as obras de infraestrutura com vistas à Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016, assim como a construção de hidrelétricas (FERNANDES et al, 2014). Delfim (2017) e Castro (2018) ainda consideram que o terremoto que, em janeiro de 2010, atingiu o Haiti é um fator desencadeante do movimento migratório para o Brasil. Ressalta-se que todos esses fatores podem ser compreendidos como causas do fluxo migratório haitiano para o Brasil, no entanto, a reflexão sobre esse fenômeno deve ir além desses pressupostos.

Conforme Antoine e Amaral (2022), a matriz desta mobilidade está inserida basicamente na constante instabilidade econômica, política e social do país em sua trajetória colonial e neocolonial inserida nas contradições do sistema capitalista. Conforme Hurbon (1987), o Haiti foi o segundo país das Américas a conquistar a independência, o único através de uma revolução comandada e realizada por escravizados negros. Por este fato, as potências ocidentais então isolaram o país diplomaticamente e fizeram de tudo para que ele não desse certo, o que seria uma

forma de desencorajar as populações negras de outras nações no continente a fazerem o mesmo. Além disso, o pagamento à França de uma dívida pela independência⁴, em julho de 1825, constitui um obstáculo ao desenvolvimento econômico do país. Para Louis Juste (2007), o endividamento da independência foi plenamente honrado por pagamentos sucessivos até 1883. Representou assim um novo mecanismo da França para explorar a riqueza do país.

Além disso, as dificuldades que estão ligadas à deterioração do clima político, social e econômico têm afetado o funcionamento do sistema educacional haitiano. As greves contínuas e os protestos populares causam atrasos no currículo e nos programas das escolas que afetam o desempenho eficiente dos educandos e futuros professores, reproduzindo ciclicamente as mesmas lacunas acadêmicas (PONGNON, 2017). Desta forma, entende-se que o sistema educacional haitiano produz mão de obra não qualificada com baixo custo para o mercado mundial. Neste contexto, segundo Antoine (2020), o chefe da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH), em 2004, usaria o terremoto como pretexto para se apropriar da força de trabalho dos haitianos a fim de promover a expansão do capital brasileiro.

As relações diplomáticas entre a República do Haiti e a República Federativa do Brasil se aprofundaram durante os governos de Lula e de Dilma. Jean Baptiste (2018) enfatizou que, de 2004 a 2012, os presidentes Lula e Dilma visitaram o Haiti quatro vezes. Essas visitas favoreceram a assinatura de cooperação entre os dois países no campo da saúde, educação, direitos das mulheres e agricultura. O autor anotou que Lula foi um dos primeiros presidentes a levar sua solidariedade à população haitiana, visitando o país um mês após o terremoto de 2010 e iniciando uma

⁴ Jean Pierre Boyer foi o quarto presidente do Haiti (1818-1843). Ele aceitou o pagamento da dívida de independência conquistada pela guerra sob o pretexto de evitar o retorno dos franceses. Enquanto, Louis Juste (2007) mostra que, quando Boyer negociou essa infame dívida, a França estava navalmente bloqueada pelas tropas inglesas e não representava, deste modo, uma real ameaça à República haitiana.

política de migração favorável para os haitianos no Brasil. Porém, cabe destacar que, nos governos de Lula, o Haiti ocupou um lugar privilegiado em comparação ao governo de Dilma. Isso pode ser explicado pelo fato de a presidente Dilma ter enfrentado uma crise política e econômica durante seus governos, de modo que a política externa dos tempos de Lula perdeu espaço.

Segundo Antoine (2020), a política migratória do governo Lula poderia ser vista, superficialmente, como uma forma de solidariedade ao povo haitiano. Todavia, pode-se conceber que essa política estava basicamente ligada a uma necessidade de mão de obra para o mercado brasileiro. Na época, havia, no Brasil, um crescimento econômico acelerado. Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2011), o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, em 2010, apresentou um crescimento de 7,5% – a maior alta para o indicador desde 1986. Entre os setores da economia, a indústria teve alta de 10,1%, enquanto a agropecuária cresceu 6,5% e os serviços, 5,4%. O Brasil precisava de mão de obra, especialmente barata, para sustentar esse crescimento e, a esse respeito, o perfil dos imigrantes haitianos, vindos de um país periférico, onde os trabalhadores são sujeitos a um salário precário, responde a essa necessidade.

Dessa política de migração em busca de mão de obra barata dos países periféricos para a expansão do capital, Delfim (2017) evidencia que o Brasil recebeu cerca de 80 mil haitianos entre 2010 e 2015. Nesse quesito, um levantamento realizado com 340 haitianos, em 2014, sob a direção do professor Fernandes Duval, indicou os setores nos quais os haitianos desenvolviam mais suas atividades:

A construção civil aparece como o setor que mais absorve a mão de obra dos imigrantes haitianos (30,3%), seguida pela indústria de alimentos (12,6%). Os serviços gerais (7,9%) e o comércio (5,6%) são os setores que absorvem outra importante parcela da mão de obra desses imigrantes (FERNANDES, 2014, p. 63).

Nesta mesma investigação, 73,6% dos haitianos entrevistados consideraram que seus salários são insuficientes para sobreviver. Mesmo assim, 43,1% informaram que conseguem fazer alguma economia. Os entrevistados ressaltam que os recursos economizados são enviados para as famílias no Haiti. Deve-se enfatizar que o envio de dinheiro às suas famílias no Haiti é uma das características da sua identidade. No imaginário coletivo dos haitianos, ser diaspórico é sinônimo de sucesso social e econômico.

Deste modo, torna-se necessário analisar sua permanência ou não no Brasil sendo um sujeito transnacional que visa a manter e fortalecer redes transnacionais (conexões), por meio de um forte vínculo familiar, cultural, econômico e político entre os dois territórios, sendo uma exigência social e simbólica feita pela sociedade de origem para ser reconhecido como diáspora bem-sucedida.

Motivos da saída da diáspora haitiana no Brasil

A representação social da diáspora haitiana no Brasil, na percepção popular deste povo, é um dos motivos da saída em direção aos Estados Unidos ou ao Canadá. Assim, é importante esclarecer o conceito de diáspora que tratamos aqui.

A diáspora tem um sentido polissêmico. Etimologicamente, para Haesbaert e Porto-Gonçalves (2006), provém do grego *speiro*, que significa dispersão. Para o autor, essa noção de dispersão parece ambígua, pois a dispersão espacial acaba funcionando como um recurso estratégico na medida em que, dependendo das condições econômicas e políticas, pode-se recorrer a outros membros da diáspora em diferentes países do mundo (HAESBAERT, PORTO-GONÇALVES, 2006). Dessa forma, a diáspora pode ser definida como um processo de globalização que favoreceu o fortalecimento dos contatos e das trocas à distância entre membros de um mesmo grupo cultural.

Hall (2003) analisa o conceito de diáspora em relação à identidade cultural. Para o autor, essa identidade ultrapassa as fronteiras, estabelecendo os elos com seus países de origem.

O autor enfatiza que a diáspora possui uma identidade cultural e, nesse sentido, é primordialmente um contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando o passado ao futuro e ao presente numa linha ininterrupta (HALL, 2003).

Os dois autores citados enfatizam a noção de identidade cultural para analisar o conceito da diáspora. Audebert (2012), por sua vez, vai além dessa perspectiva. Define a diáspora através de três elementos fundamentais: a dispersão espacial, a existência de uma identidade peculiar às pessoas diaspóricas e a organização interna da diáspora, que produz trocas multifacetadas entre os seus polos e ligações simbólicas ou concretas significativas com o país de origem.

Referindo-nos às definições dos autores, entende-se que a noção de cultura é um critério essencial na compreensão do fenômeno da diáspora. No entanto, neste trabalho não será priorizado apenas o aspecto cultural, mas também o conceito da diáspora haitiana por meio dos três critérios definidos por Audebert (2012). Essa análise nos permitirá ter uma ampla compreensão do fenômeno em sua dimensão simbólica e concreta na realidade haitiana.

Para Handerson (2015), o termo diáspora é utilizado no Haiti para descrever os haitianos que estão fora do Haiti, mas que voltam temporariamente ao país e logo retornam ao país estrangeiro onde moram. O autor enfatiza que o termo diáspora tem um sentido articulado por três verbos em língua crioulo: “residir” (**viv**) no país estrangeiro, “voltar” (**tounen**) ao Haiti e “retornar” (**retounen**) para o país estrangeiro. No entanto, a volta deve mostrar o sucesso pessoal e coletivo da diáspora. Não há diáspora sem a volta temporária. A volta não é um retorno, é uma nova chegada que se caracteriza como uma visita viabilizada por meio dos laços afetivos, familiares, de amizade ou vínculos com as casas diaspóricas construídas no Haiti.

O autor enfatiza que as pessoas precisam residir num espaço internacional para serem constituintes, enquanto sujeitos, da diáspora, mas as dimensões de tempo e espaço são cruciais para a compreensão dos sentidos sociais desse termo. A esse respeito, no Haiti, a diáspora é sinônimo do sucesso social e econômico dos haitianos fora do país. Handerson (2015) aponta que, pelo *status* social e econômico, a pessoa diáspora recebe um tratamento

diferenciado nos estabelecimentos públicos e nas casas particulares, mesmo os demais sendo empregados, tendo sucesso profissional e uma vida econômica melhor do que a pessoa diáspora:

Minha família está no Haiti. Como pai, tenho que mandar dinheiro para que eles se alimentem, paguem taxas escolares e possam ir para o hospital se estiverem doentes. Mas com meu salário não posso ajudar adequadamente minha família haitiana. É por isso que não somos considerados como diáspora no Haiti. A diáspora são os haitianos que estão nos Estados Unidos, na França e no Canadá, **que podem enviar dinheiro para suas famílias e amigos no Haiti** (SUJEITO 2, grifo nosso).

A geografia da diáspora haitiana não é homogênea do ponto de vista da ascensão social. Para Audebert (2012), as diásporas nos países do Norte têm uma representação social mais valorizada e prestigiosa na percepção haitiana do que as dos países do Sul (República Dominicana⁵, Cuba, Chile, Bahamas, Guiana, Brasil, etc.). Essa hierarquia constrói-se com base nas condições de vida dos cidadãos dos países receptores, podendo promover o sucesso do ser diáspora haitiana. Nessa perspectiva, Audebert (2012, p. 110) afirma:

As representações espaciais diferenciadas da diáspora influenciam as escolhas da orientação geográfica dos migrantes e também dependem das características objetivas dos mercados de trabalho nos polos urbanos. A origem social do migrante (nível de educação e formação, aspirações profissionais, capital financeiro disponível, redes sociais) entra na valorização do destino dependendo de como ele acha capaz de inserir-se no mercado de trabalho (tradução nossa).

⁵ A República Dominicana continua sendo o destino de menor prestígio, mas o mais acessível, pois é o único país que divide uma fronteira terrestre com o Haiti (AUDEBERT, 2012).

Nesse sentido, Handerson (2015) evidencia, em sua tese de doutorado sobre as dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, quatro tipos de diáspora no universo coletivo haitiano: **dyaspora lokal** (diáspora local); **gwo dyaspora** (grande diáspora); **dyaspora entênasyonal** (diáspora internacional) e **ti dyaspora** (pequena diáspora).

A **dyaspora lokal** (diáspora local) se refere às pessoas que viajam e permanecem pouco tempo no exterior. São de classe média e alta que viajam com frequência regular. Geralmente, têm bens materiais no Haiti, negócios ou trabalho no país e passam alguns meses no exterior. Existe uma expressão nativa para essa experiência da diáspora local, aquele que come aqui (no Haiti) e bebe lá (no exterior): “*Li manje isit lan, epi l’ale bwè lòt bò*” (HANDERSON, 2015).

Os **gwos dyaspora** (grande diáspora) são pessoas que se deslocam com a intenção de realizar compras de vestuários, perfumarias, presentes e juntar dinheiro para levar ao Haiti. A viagem da volta é planejada com bastante antecedência. Quando chegam, os mais endinheirados alugam um carro de última geração, exibem os vestidos de marca e os cordões de ouro, financiam festas para familiares, amigos e conhecidos (HANDERSON, 2015).

A **dyaspora entênasyonal** (diáspora internacional) se refere a uma categoria de pessoas que optam por permanecer nos **ti peyi**⁶ (pequenos países) e, eventualmente, conseguem visitar os **gwo peyi**⁷ (grandes países) por curtos períodos, nas férias, nas festas anuais ou simplesmente para rever os familiares e amigos (HANDERSON, 2015).

⁶ **Ti peyi** (pequeno país) não é usado no sentido do espaço geográfico. Os pequenos países são: República Dominicana, Panamá, Equador, Chile, Peru, Brasil etc. São chamados **ti peyi** (pequeno país) no sentido socioeconômico.

⁷ **Os gwo peyi** (grandes países) são os Estados Unidos da América, França, Canadá e Guiana Francesa. Esses países possibilitam diásporas visando acumular dinheiro para cumprir com as obrigações no Haiti, investir nesse país, comprando terrenos ou construindo casas e financiar uma viagem para outro país.

A categoria de atribuição **ti dyaspora** (pequena diáspora) geralmente é um estigma. Este termo está associado aos haitianos que residem em um **ti peyi** (país do Sul). Nesse espaço de mobilidade, o ser diáspora haitiana não ganha um salário em dinheiro diáspora (dólar americano ou euro). Então, o **ti dyaspora** tem um salário precário, que não pode facilitar sua mobilidade econômica e social no seu retorno ao Haiti (HANDERSON, 2015).

Ao analisar os quatro tipos de diáspora mencionados por Handerson (2015), nota-se que existe uma hierarquização em relação aos países de mobilidade externa dos migrantes. Essa hierarquia estabelece os critérios heterogêneos das condições sociais e econômicas das diásporas nos países de acolhimento. Esses critérios influenciam a escolha do lugar de instalação da diáspora na hierarquia espacial diaspórica. A escolha de um país de instalação está geralmente ligada à possibilidade de realizar o sonho da diáspora, sendo um caminho para a promoção social, econômica, cultural e moral.

Referindo-se à tipologia da diáspora de Handerson (2015), compreende-se que, no imaginário dos haitianos, o Brasil faz parte da categoria **ti dyaspora** (pequena diáspora). Este sentido é construído por meio de um discurso alimentado pelas redes sociais e pela imprensa, constituindo, às vezes, o motivo da saída da diáspora haitiana no Brasil para os países do Hemisfério Norte, uma vez que o termo **ti dyaspora** é usado de forma pejorativa e humilhante, não conferindo nenhum capital social e/ou simbólico ao *status* dos migrantes.

Monacé (2021) mostra que o **ti dyaspora** é um termo estigmatizante e provocador, usado em piadas contra a diáspora haitiana no Brasil e no Chile. Por ser estigmatizante, a própria pessoa que está em situação de diáspora e sua família não se reconhecem no termo. O autor descobriu ainda que, nas dinâmicas das relações sociais estudadas, o **ti dyaspora** expressa uma sanção, uma provocação e uma manipulação a fim de incentivar as pessoas, que estão no exterior, a mandarem mais dinheiro para o Haiti. Segundo o autor, essa provocação pode ser feita a qualquer diáspora, independentemente do seu território de residência.

Logo, o **ti dyaspora** tem sentido na relação entre os que estão no Haiti e os que estão no exterior. É uma forma de sanção social que visa **desdiasporizar** uma pessoa que não se importa em ajudar os familiares deixados no Haiti. Monacé (2021, p. 56-57) afirma:

Esta pesquisa sustenta a hipótese de que *voye kòb* [envio de dinheiro] dos *dyaspora* haitianos no Brasil é uma ação socialmente construída, historicizada e submersa nas estruturas do Espaço social transnacional haitiano, regidas por constrangimentos e recompensas sociais, normas sociais, significados sociais e competições entre os atores, bem como suas expectativas, suas motivações e seu reconhecimento para ocuparem melhores posições neste espaço, [...] a não realização injustificada desta ação implica a *dedyasporização*, que defino como sanções sociais que desclassificam e recusam reconhecer mais os haitianos que não *voye kòb* como *dyaspora*.

Depara-se, no discurso de alguns sujeitos da pesquisa, com essa pressão da sociedade haitiana sobre eles, que estão vivendo no Brasil. No Haiti, existem inúmeras peças de comédia ou falas nas redes sociais que visam discriminar a diáspora nos dois países da América do Sul (Brasil e Chile). É comum ouvir: **Moun chile ak Brezil pa dyaspora** (haitianos que vivem no Brasil e Chile não são diásporas). Existe até uma música de Carnaval, feita em 2017 pela banda haitiana Kreyòl la, que trata o **al Chili ou al Brasil** (migrar para o Chile e Brasil) como uma banalização, e não como uma vitória. Qualquer um pode ir a qualquer momento.

Outro elemento que explica essa saída são as condições socioeconômicas precárias dos migrantes, o que também é relacionado ao fenômeno de envio de dinheiro para ser valorizado na sociedade de origem. A análise do discurso de um sujeito da pesquisa aponta para sua decepção, particularmente em relação ao trabalho que não lhe permite viver bem no Brasil e ajudar seus familiares deixados no Haiti. O participante diz do haitiano que vive no Brasil como um sujeito que está com um pé aqui e outro no Haiti – e os dois merecem ser bem cuidados:

O haitiano gasta aqui e lá. O salário não responde a essas exigências. No Brasil, você tem possibilidade de comprar carro, de comprar uma casa e ter o mínimo de vida. Mas para o haitiano não é suficiente, pois tem a responsabilidade dos que estão lá. Por isso, muitos haitianos viajam para os países onde o salário é melhor, em dólar, para viver. Assim, mesmo que ele ganhe pouco nos EUA, por exemplo, ele já ganha em dólar. Quando vai fazer uma remessa, não precisa comprar dólar para mandar. Aqui, no Brasil, não (SUJEITO 1, grifo nosso).

As condições socioeconômicas desse participante não o permitem cumprir com sua responsabilidade no Haiti. Sua condição de transmigrante garante sua existência física e simbólica no território de origem e de instalação. Como já refletido por Handerson (2015; 2019), Audebert (2017), Jean Baptiste (2018) e Monacé (2021), no Haiti, ser diáspora é muito avaliado a partir da sua função econômica de contribuição para os que ficam no território de origem, e o não cumprimento dessa função vira uma sanção social de **desdyaporização** da pessoa em condição de diáspora.

Esse sujeito busca, então, manter os vínculos e interações entre o território de instalação e de origem. Nesse sentido, é importante destacar que a abordagem transnacional da migração emerge no debate sobre a migração nos anos 1990. Ao analisar o transnacionalismo pela perspectiva teórica, Glick-Schiller (2008) apontou que seu surgimento propõe uma nova leitura sobre os imigrantes que desafiam o conceito unificador do Estado nação. Inspirado nos estudos sobre os imigrantes caribenhos, haitianos e filipinos nos Estados Unidos, o transnacionalismo exhibe um novo perfil de imigrante que mantém relações com o território de instalação e origem. O vínculo desses imigrantes, que permanecem entre o lugar de destino e de origem, “determina o marco que distingue as velhas e as novas migrações, sem esquecer também que essas migrações transnacionais formam novas identidades ligadas ao capitalismo global e ao trabalho” (RESSTEL 2015, p. 55).

Percebeu-se, ao longo da análise deste trabalho, que o emprego evidenciou um caráter transversal na trajetória, na permanência e no deslocamento desses imigrantes. A questão de emprego, especificamente no caso da maioria dos imigrantes haitianos, constitui o elemento fundamental na construção do estatuto de imigrante como um ser de passagem, como relatado:

De maneira geral, não tem, a nenhum imigrante no mundo, uma segurança total que ele vai ficar no país acolhedor. Por que eu digo isso? [...] Na República Dominicana, eu tinha minha casa própria, apesar de tudo. Eu deixei. No Providencial, eu fiquei lá durante 7 anos, bem integrado, tinha filhos nascidos lá, casado lá, finalmente eu deixei... **então o estatuto de ser imigrante mesmo é marcado pela instabilidade, porque é ligado ao trabalho. No momento que tem crise de emprego, não tem condições adequadas para ficar. Como imigrante, você é obrigado a sair, porque você seria a primeira vítima da crise** (SUJEITO 2, grifo nosso).

Outro desafio da diáspora haitiana no Brasil é a questão dos salários. A mão de obra da diáspora é, geralmente, não qualificada e, como resultado, o trabalhador ganha o salário-mínimo do mercado de trabalho local. Esse salário permite, na maioria dos casos, à diáspora apenas reproduzir a sua força de trabalho. Como evidencia Handerson (2015), no Brasil, o salário mínimo é, de fato, mínimo se comparado com o dos Estados Unidos, Canadá ou França. Com esse salário, seria difícil economizar para sustentar as famílias no Haiti e enviar recursos para comprar ou construir prédios. Além disso, com a inflação galopante da economia brasileira e a depreciação do real em relação ao dólar, a situação fica mais complicada para a diáspora haitiana, que depende de trocar o dinheiro para a moeda americana para, então, realizar as transferências financeiras ao Haiti. Neste quesito, o sujeito 3 relata: “Brasil, na minha cabeça, fica sempre uma transição... Os haitianos que vão para os USA é por questão do mito do dólar. O haitiano pensa, quando ele vai para os USA, que ele vai receber seu salário em dólar”.

Além disso, os desafios socioeconômicos são elementos essenciais que explicam seus deslocamentos para outros países. Além dos determinantes econômicos, políticos e sociais que explicam as saídas haitianas, há também os culturais. Viajar é um elemento incontornável na representação cultural haitiana. É difícil encontrar uma família haitiana que não tenha um ou dois membros nos países estrangeiros:

O haitiano gosta de viajar e a família dele se sente orgulhosa também quando tem um membro que vai num país branco (país estrangeiro). Muitos haitianos vão para o Chile ou Brasil só para isso, satisfazer essa vontade. Depois vão falar que eles conhecem muitos países (SUJEITO 2).

A análise dos relatos desses sujeitos nos leva a pensar como e por qual razão o Brasil se torna país de trânsito para muitos imigrantes haitianos. As condições socioeconômicas não garantem o reconhecimento e a existência do indivíduo migrante na perspectiva transmigrante. Constatamos que existia um aumento no número de imigrantes que deixam o Brasil para os Estados Unidos no contexto pandêmico. No final de 2021, em plena pandemia, mais de 15.000 haitianos que saíam do Brasil e do Chile foram detidos em um acampamento embaixo de uma ponte de um rio que conecta a cidade de Acuna, do México, ao Texas, nos Estados Unidos. Entre setembro e outubro de 2021, mais de 8.000 foram capturados e deportados para o Haiti, de acordo com a Organização Internacional para as Migrações (OIM, 2021). São, aproximadamente, 200 mil haitianos regressados ao Haiti em seis meses de pandemia, segundo Handerson e Neiburg (2020).

Dentro desse processo migratório, destacamos quatro categorias de imigrantes: a primeira, com objetivo de assumir o Brasil como país de trânsito, isto é, como caminho para chegar ao Canadá e aos Estados Unidos; uma segunda categoria de pessoas, estas influenciadas pelo mito de viajar; a terceira categoria se desloca por causa das dificuldades encontradas no Brasil ou porque passou

por uma decepção relacionada à expectativa de um país como a terra de novas oportunidades; a última categoria é composta dos imigrantes que decidem permanecer no Brasil.

Considerações finais

Este trabalho teve como foco analisar os motivos da saída do Brasil de imigrantes haitianos para os Estados Unidos ou o Canadá. Para tanto, foram consideradas as trajetórias destes migrantes desde o trânsito do Haiti para o Brasil, sendo pessoa diáspora, até seus descolamentos, problematizando as situações socioeconômicas desses sujeitos no contexto da crise econômica brasileira.

Diante disso, pode-se entender que as condições socioeconômicas do Brasil não garantem aos haitianos construir uma identidade diaspórica valorizada pela sociedade haitiana. Como resultado, esses migrantes usam o Brasil como um lugar de passagem, a fim de alcançar os Estados Unidos da América, que é o país do seu sonho da diáspora.

As análises acerca das causas da migração haitiana no Brasil estão inseridas basicamente na constante instabilidade econômica, política e social do Haiti em sua trajetória colonial e histórica, impactando, de maneira negativa, o desenvolvimento socioeconômico do país. De acordo com o Banco Mundial (2021), a pobreza afeta cerca de 70% da população haitiana e 50% dos haitianos vivem com menos de um dólar americano por dia. O desemprego e o subemprego afetam 60% da população, com o setor informal representando 80% do emprego total do país. Diante dessa situação socioeconômica, o Brasil usa o terremoto de 2010 no Haiti, sob a justificativa de solidariedade, para explorar a mão de obra haitiana em condições precárias, oferecendo-lhes um salário que permitia apenas reproduzir a sua força de trabalho.

A partir da análise dos dados de campo, ressalta-se que as condições socioeconômicas precárias da diáspora haitiana no Brasil são consideradas como um dos motivos da saída desta categoria do Brasil para os países do hemisfério do Norte, particularmente os

Estados Unidos e o Canadá, na medida em que a diáspora haitiana no Brasil não representa um potencial de transferência de dinheiro para o Haiti. Na percepção popular haitiana, a pessoa diáspora é constituída como o principal suporte econômico para suas famílias em uma sociedade em que o Estado é quase inexistente em termos de política social. Consequentemente, a diáspora haitiana no Brasil é incapaz de cumprir este requisito moral devido ao seu salário irrisório. Essa forma de solidariedade financeira é a própria essência da diáspora na percepção popular haitiana, constituindo um elemento simbólico que reflete o pertencimento da diáspora ao Haiti.

Nessa lógica, com o salário mínimo obtido pela diáspora haitiana no Brasil, é inviável economizar para sustentar as famílias no Haiti e enviar recursos para comprar ou construir prédios. Dessa forma, a situação socioeconômica da diáspora haitiana no Brasil não garante a construção de uma identidade diaspórica valorizada na sociedade haitiana.

O discurso veiculado pelas redes sociais constrói a diáspora haitiana no Brasil como uma **ti dyaspora** (pequena diáspora) em comparação às diásporas haitianas que estão nos Estados Unidos, no Canadá ou na França. O termo **ti diáspora** é desdenhoso, diminuindo o simbolismo desta categoria como diáspora, porém, fundamenta-se nas condições salariais precárias. Nessa perspectiva, os imigrantes haitianos usam o Brasil como território de passagem para alcançar os países do hemisfério Norte, particularmente Estados Unidos e Canadá, de modo a ter uma representação social mais valorizada e prestigiada na percepção haitiana, ganhando dinheiro para voltar ao Haiti a fim de exibir seus novos estilos de vida e seus sucessos sociais e econômicos.

Referências

ANTOINE, D. **As intenções e expectativas dos imigrantes haitianos na Educação de Jovens e Adultos (EJA): desafios e possibilidades**. Dissertação (mestrado em serviço social e política Social) - Universidade de Londrina, Londrina, 2020.

ANTOINE, D; AMARAL, W. R. **A saída da diáspora haitiana do Brasil**. IN: IV congresso internacional de política social e serviço social: desafios contemporâneos, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

AUDEBERT, C. **La diaspora haïtienne: territoires migratoires et réseaux**. Rennes: Presses Universitaires, 2012.

BANCO MUNDIAL. **Haiti: développement, recherche et Données**. 2021. Disponível em: <https://www.banquemondiale.org/fr/country/haiti/overview#1>. Acesso em: 25 fev. 2022.

CASTRO, B. L. G. **Trabalho e fluxos migratórios: elementos da interculturalidade no contexto organizacional a partir da inserção de haitianos**. 2018. Dissertação - Desenvolvimento Regional, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2018.

DAUDIER, V. **Parcours d'une famille haïtienne pour vivre son rêve américain**. 2021. Disponível em: <https://lenouvelliste.com/article/230831/parcours-dune-famille-haitienne-pour-vivre-son-reve-americain>. Acesso em: 6 fev. 2022.

DELFIN, R. B. **Presença haitiana ajudou a transformar o debate sobre migrações no Brasil**. 2017. Disponível em: www.br.boell.org/pt-br/2017/07/31/presenca-haitiana-ajudou-transformar-o-debate-sobre-migracoes-no-brasil. Acesso em: 19 junho. 2019.

FERNANDES, D. et al. Projeto **“Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral”**. 2014. Disponível em: <https://obs.org.br/cooperacao/746-projeto-estudos-sobre-a-migracao-haitiana-ao-brasil-e-dialogo-bilateral>. Acesso em: 23 jun. 2019.

GLICK SCHILLER, N. Nuevas y viejas cuestiones sobre localidad: teorizar la migración transnacional en un mundo neoliberal. In: SOLÉ, C.; PARELLA, S.; CAVALCANTI, L. (Orgs.). **Nuevos retos del transnacionalismo en el estudio de las migraciones**. Barcelona: Grafo, 2008.

GODIN, R. **L'économie brésilienne en panne, minée par les inégalités**. 2018. Disponível em: <https://www.cadtm.org/L-economie-bresilienne-en-panne-minee-par-les-inegalites>. Acesso em: 20 jul. 2019.

HAESBAERT, R.; PORTO-GONÇALVES, C. **A nova des-ordem mundial**. São Paulo: UNESP, 2006.

HALL, S. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: editora UFMG, 2003.

HANDERSON, J. **Diáspora: as dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa**. Tese - Doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

HANDERSON, J. Diaspora. In: NEIBURG, F. (org.). **Conversa etnográfica haitianas**. Rio de Janeiro: Papeis Selvagens, 2019.

HANDERSON, J. NEIBURG, F. A (i)mobilidade e a pandemia nas paisagens haitianas. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, ano 26, n. 58, p. 463-479, set./dez. 2020.

HURBON, L. **Comprendre Haïti. Essai sur l'État, la nation, la culture**. Paris: Karthala, 1987.

IBGE. PIB do Brasil cresce 7,5% em 2010 e tem maior alta em 24 anos. 2011. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/03/110303_pib_2010_rp. Acesso em: 24 jul. 2018.

JEAN BAPTISTE, M. D. **O Haiti está aqui: uma análise da compreensão dos imigrantes haitianos sobre a política social no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

LALINE, T. **Les transferts informels de la diaspora haïtienne sous-estimé**. Port-au-Prince: Deschamps 2018.

MILESI, R. **Haitianos no Brasil: Dados estatísticos, informações e uma Recomendação**. 2016. Disponível: <https://www.migrante.org.br/migracoes/migracao-haitiana/haitianos-no-brasil-dados-estatisticos-informacoes-e-uma-recomendacao/> Acesso em: 22 jul. 2018.

MONACÉ, J. K. **dyaspora haitianos no brasil, voye kòb e famílias no haiti: vínculos sociais, múltiplas estratégias de reprodução e dyasporização**. Tese (doutorado em desenvolvimento regional) - Universidade Federal de Tocantins, Palmas, 2021.

ORGANISATION INTERNATIONALE DE LA MIGRATION (OIM). **L'OIM aide plus de 10 800 Haïtiens retournés des Etats-Unis du Mexique et des Caraïbes le mois dernier, 2021**. Disponível em: <https://www.iom.int/fr/news/loim-aide-plus-de-10-800-haitiens-retournes-des-etats-unis-du-mexique-et-des-caraibes-le-mois-dernier>. Acesso em: 02 mar. 2022.

PONGNON, V. N. **Immigration haïtienne, formation professionnelle et projets de vie : Stratégies de mobilités sociales des Haïtiens et Capverdiens dans le contexte Brésilien**. Tese- doutorado em Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

RESSTEL, CCFP. Transnacionalismo. In: **Desamparo psíquico nos filhos de dekasseguis no retorno ao Brasil** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, p. 53-78.

RODRIGUES, L. S. Desafios do desenvolvimento socioeconômico no Brasil: desigualdade e concentração de renda em âmbito municipal no Estado de São Paulo. **Braz. J. of Develop.** Curitiba, v. 4, n. 5, p. 2008-2024, 2018.